MÉSZÁROS PARA ALÉM DE LUKÁCS:

aluno e mestre em confronto¹

Diego Alberto Biancolin²

Resumo: embora tenha sido aluno e colaborador de György Lukács, István Mészáros conseguiu elaborar uma opinião original sobre algumas das teorias propostas por seu mestre, por vezes distanciando-se dele de maneira decisiva. O objetivo deste ensaio é justamente mostrar como Mészáros desenvolveu ao longo de sua vida, com inquestionável originalidade, alguns dos temas tratados e discutidos com Lukács. Para este fim, optei por usar apenas dois textos, *Para Além do Capital* e *História e Consciência de Classe*, porque na escrita de sua opus magnum, Mészáros continua, idealmente, o diálogo com seu mestre mesmo depois de sua morte, confrontando-se, em primeiro lugar, com aquela que é a mais influente das obras de Lukács. Minha escrita é dividida em três seções. Na primeira, proponho uma apresentação dos temas centrais de *História e Consciência de Classe*, a saber, a apresentação do marxismo como método de análise da realidade, o tema da reificação e a questão do papel do partido. Desta forma, se pode identificar a impostação, a meu ver, intimamente metafísica do trabalho de Lukács, uma perspectiva que acaba por substituir a estrutura do Partido Comunista e sua organização pelo Espírito hegeliano. Na segunda seção, eu me concentro no conteúdo de *Para Além do Capital* e tento destacar como o olhar de Mészáros é mais aderente à teoria de Marx, o que também é evidente em sua análise e crítica rigorosa dos promotores e defensores do pensamento e da política liberal e neoliberal. A última parte do texto, finalmente, oferece uma comparação mais pontual acerca das temáticas centrais nos dois autores, e evidencia, além das diferenças que emergem na exposição das seções anteriores, também alguma crítica das impostações teóricas de Lukács e Mészáros, colocada em relação com diferentes contextos histórico-sociais nos quais foram desenvolvidas.

Palavras-chave: István Mészáros – György Lukács – Marxismo.

MÉSZÁROS BEYOND LUKÁCS: student and master in confrontation

Abstract: although a pupil and collaborator of György Lukács, István Mészáros was able to elaborate an original opinion on some of the theories proposed by his master, sometimes deviating from it in a decisive manner. The aim of this essay is precisely to

---

¹ Este artigo foi traduzido por Stefano Mota e revisado por Caio Antunes.

² Doutor em Filosofia pela Università Ca' Foscari Venezia. Atualmente, desenvolve estudos pós-doutorais em Ciências Filosóficas na Alma Mater Studiorum Università Di Bologna. E-mail: dab95freddie@gmail.com

show how Mészáros has developed in the course of his life, with undoubted originality, some of the topics treated and discussed with Lukács. To this purpose I have chosen to use only two texts, *Beyond Capital* and *History and Class Consciousness*, because in the writing of his opus magnum Mészáros ideally continues the dialogue with his master even after his death, confronting first of all with which has been the most influential of Lukács's works. The writing is divided into three sections. In the first, I propose a presentation of the central themes of *History and Class Consciousness*, namely the presentation of Marxism as a method of analyzing reality, the theme of reification and the question of the party's role. In this way, it is possible to identify the approach, in my opinion, intimately metaphysical of the work of Lukács, a perspective that ends up substituting the structure of the communist party and its organization for the Hegelian Spirit. In the second section, I focus on the contents of *Beyond Capital*, and try to highlight how Mészáros' gaze is more adherent to the Marxian theory, which is also evident in his analysis and rigorous criticism of the promoters and defenders of liberal and neo-liberal thought and politics. Finally, the last part of the text makes a more precise comparison between the central themes in the two authors, and highlights, in addition to the differences that emerged in the previous sections, some critical aspects of Lukács and Mészáros's theoretical approaches related to different historical-social contexts in which they developed.

Key-Words: István Mészáros – György Lukács – Marxism.

MÉSZÁROS MÁS ALLÁ DE LUKÁCS: alumno y maestro en confrontación

Resumen: aunque fue alumno y colaborador de György Lukács, István Mészáros consiguió elaborar una opinión original sobre algunas de las teorías propuestas por su maestro, a veces distanciándose de él de manera decisiva. El objetivo de este ensayo es justamente mostrar como Mészáros desarrolló a lo largo de su vida, con incuestionable originalidad, algunos de los temas tratados y discutidos con Lukács. Para este fin, opté por usar sólo dos textos, más allá del *Capital* e *Historia y Conciencia de Clase*, porque en la escritura de su opus magnum, Mészáros continúa, idealmente, el diálogo con su mestre incluso después de su muerte, confrontándose, en primer lugar, con aquella que es la más influyente de las obras de Lukács. Mi escritura se divide en tres secciones. En la primera, propongo una presentación de los temas centrales de *Historia y Conciencia de Clase*, a saber, la presentación del marxismo como método de análisis de la realidad, el tema de la reificación y la cuestión del papel del partido. De esta forma, se puede identificar la imposición, a mi ver, íntimamente metafísica del trabajo de Lukács, una perspectiva que acaba por sustituir la estructura del Partido Comunista y su organización por el Espíritu hegeliano. En la segunda sección, me concentro en el contenido de más allá del capital y intento destacar cómo la mirada de Mészáros es más adherente a la teoría de Marx, lo que también es evidente en su análisis y crítica rigurosa de los promotores y defensores del pensamiento y de la política liberal y neoliberal. La última parte del texto, finalmente, ofrece una comparación más puntual acerca de las temáticas centrales en los dos autores, y evidencia, además de las diferencias que emergen en la exposición de las secciones anteriores, también alguna crítica de las imposiciones teóricas de Lukács y Mészáros, planteada en relación con diferentes contextos histórico-sociales en los que se desarrollaron.

Palabras clave: István Mészáros – Gyorgy Lukács – Marxismo.

Introdução

Aluno e colaborador de Lukács desde os anos em que frequentava a universidade de Budapeste, István Mészáros foi fortemente influenciado pelas concepções políticas do próprio mestre, de quem foi também íntimo amigo ao longo de sua vida. A pesar deste afeto e da comum convicção entorno da necessidade de superação do sistema capitalista, ele não foi um acrítico discípulo de Lukács. Ele forneceu uma inteligente e cuidadosa crítica ao pensamento de Lukács num de seus textos mais influentes, *Para além do capital*. Neste texto Mészáros confronta-se diretamente com as ideias do próprio mestre, especialmente com aquelas expressas em *História e consciência de classe*. Utilizando justamente estes dois textos procurarei mostrar a influência de Lukács na obra de Mészáros, os pontos de contato e as diferenças entre as posições dos dois autores, continuidades e descontinuidades entre suas elaborações teóricas.

História e consciência de classe

Os diferentes ensaios que compõem *História e consciência de classe* podem ser agrupados a partir de três temáticas principais: a questão do materialismo histórico dialético como método, o tema da reificação (estritamente relacionado com aquele das classes sociais) e a análise do partido e seu papel no interior do Estado.

A questão do método percorre o texto de Lukács na sua totalidade, encontrando espaço, nas suas múltiplas facetas, em cada um dos escritos que compõem a obra. Assim como mostra em *O que é o marxismo ortodoxo?*, o filósofo húngaro considera que a essência da doutrina marxiana está no fato que ela é capaz de abraçar com seu olhar a totalidade dos acontecimentos, de se tornar razão a partir da perspectiva da *totalidade*, se opondo a “tudo aquilo que tem de parcial” e permitindo apreender “a realidade como um acontecer social” (LUKÁCS, 1991, p. 2).

A abstração de cada um dos elementos da realidade histórica que a compõem constitui, por outro lado, o ponto de partida da ciência burguesa³, que por consequência se rebaixa a uma mera catalogação de acontecimentos, limitando-se a fornecer uma imagem instantânea do estado das coisas, sem encontrar as causas.

---

³ Uma tendência que Lukács coloca em evidência citando *L'accumulation del capitale*, de Rosa Luxemburgo, segundo a qual a acumulação capitalística funda-se justamente na tomada em consideração de cada capital em sua individualidade para poder funcionar melhor (LUXEMBURG, 1960).

Essa perspectiva de tipo naturalístico não consegue aprender ou entender a sociedade como uma “totalidade concreta” (LUKÁCS, 1991, p. 64) e, portanto, não é capaz de explicar os acontecimentos sociais.

Em sua ideia de saber totalizante, Lukács não esconde a influência que o pensamento de Hegel teve em sua elaboração (ênfatisando a capacidade do filósofo de Jena de aprender com sua própria lógica a realidade como um ato); ainda assim, submete uma consistente parcela das teorias hegelianas a uma sapiente crítica. Em sua avaliação, o limite fundamental da análise histórica hegeliana encontra-se na tentativa de “dominar o processo histórico com o pensamento” (LUKÁCS, 1991, p. 62), e na incapacidade de se dar conta do fato que “as relações sociais [...] são produtos dos homens” (LUKÁCS, 1991, p. 63). Introduzir o Espírito do Mundo na cena como guia da ação humana contribui a desnudar definitivamente o homem de qualquer papel ativo no devir do processo histórico. A crítica de Marx a essa perspectiva consegue recuperar o sistema dialético hegeliano, abandonando sua matriz conservadora, e conferindo novamente ao homem o papel de ator em primeiro plano na história, entendida como “história da reversão interrompida das formas de objetivação que plasma a existência do homem” (LUKÁCS, 1991, p. 245). A burguesia não é capaz de aprender a essência do processo histórico na sua forma de “base real e última” (LUKÁCS, 1991, p. 201) daquilo que acontece; o proletariado, ao contrário, é capaz de superar a dimensão empírica e particular de cada acontecimento, conseguindo apreender estes na sua autêntica natureza de “momentos da totalidade” (LUKÁCS, 1991, p. 214).

A concepção de proletariado como classe – aquela classe particular que tem como objetivo histórico sua *autossupressão*, que “se realiza ao mesmo tempo em que se autossuprime” (LUKÁCS, 1991, p. 94 e 105) – é uma temática que se entrelaça estritamente com a temática da consciência de classes e com o conceito de reificação que esta tem como objetivo de superação. De acordo com Lukács, a reificação (a mercantilização) dos indivíduos, naturalizada através do papel sempre mais preeminente da troca no interior da sociedade, levou a uma verdadeira desintegração das relações humanas. Esta foi crescendo junto com a atomização do processo produtivo que substituiu as tradicionais práticas ligadas ao artesanato, com a consequente alienação do homem com relação às suas próprias obras e seu próprio trabalho. A mercadoria, elevada a seu máximo valor, supera então o mero âmbito da materialidade, chegando a plasmar a consciência humana a tal ponto que, em sua produção, o proletariado produz “os valores que servirão novamente a comandar seu trabalho, a criar através dele, novos valores” (LUKÁCS, 1991, p. 238). A única

forma para se emancipar de tal condição é que o próprio proletariado adquira a consciência de sua própria condição.

Nesse sentido Lukács reconhece um elevado potencial revolucionário à teoria marxiana em si. Mas afirma que as ideias do filósofo de Tréveris são capazes de produzir um resultado real só no momento em que, através da atividade das massas, se produz um conúbio entre o elemento teórico e o prático. A questão chave, nesse momento, se torna compreender em que medida as ações realizadas sob tais auspícios sejam ou não conscientes, haja vista a desomogeneidade das condições nas quais a fragmentação da sociedade capitalista acontece, algo que impede de distinguir com precisão as estratificações internas à população. Só através de tal forma de consciência é de fato possível a ação do proletariado finalizada a “*romper praticamente a estrutura reificada da existência*” (LUKÁCS, 1991, p. 260), permitindo a passagem da teoria à práxis.

É preciso portanto romper qualquer vínculo com o passado através daquilo que Marx definia como “reforma da consciência” (LUKÁCS, 1991, p. 321). Um passo a ser cumprido, de acordo com Lukács, no contexto em que o Estado burguês já é deixado para trás: caso não se aja dessa forma, de fato, a estrutura estatal provocaria um freio e um atraso das perspectivas do movimento socialista. Nesse sentido o autor não exclui o emprego da violência, já que esta constitui a essência do Estado mesmo – “violência concentrada e organizada” (LUKÁCS, 1991, p. 306) –, desde que esse instrumento não se transforme em fúria iconoclasta que acaba em si mesma, mas que saiba ser dosada e utilizada de acordo com os contextos e as circunstâncias. A violência do proletariado tem suas raízes na violência do aparelho estatal na qual está preso, e justamente para quebrar as grades de tal prisão é precisa uma ação que consiga ser decidida e irreversível.

Nesse sentido, papel chave precisa cumprir o partido, assumindo a tarefa de “portador da consciência de classe do proletariado, consciência da sua missão histórica” e se tornando “veículo da ética do proletariado em luta” onde por “ética” se entende “a consciência de classe [...] do proletariado” (LUKÁCS, 1991, p. 54 e 55). O partido tem portanto a função de organizar e direcionar a potência da classe proletária, papel que nenhuma outra organização pode assumir. Em pouquíssimas palavras o papel último do partido, no qual se refletem os interesses “da classe operária na sua totalidade” (LUKÁCS, 1991, p. 402), é aquele de se tornar um acelerador na tomada da consciência de classe, de tal maneira que apesar das evidentes diferenças entre os indivíduos singulares, nunca se perca de vista o objetivo final.

Para além do capital

Os temas que estão no centro da elaboração teórica de Mészáros são em parte diferentes, antes de tudo porque diferente é o período histórico ao longo do qual essa obra foi escrita (estamos na metade dos anos 90 do século XX). Uma questão de especial importância é aquela sobre a incontrollabilidade do capital, que está relacionada com aquela de uma presumida naturalidade de tal ordem.

Mészáros dedica um amplo espaço à refutação da concepção hegeliana da história entendida como o terreno onde se realiza o inalterável, e intrinsecamente justo, projeto da Razão. Uma concepção da qual deriva a eternidade da ordem capitalista, de acordo com uma concepção justificacionista, metafísica da própria história, ou para dizer isso com uma expressão que ganhou grande (e terrível) repercussão nos anos 80 do século passado: não há alternativa ao capital. Ao proclamar na época burguesa o ápice do processo histórico, Hegel eterniza um determinado modelo de sociedade e suas formas de produção, justificando também as relações de desigualdades que “naturalmente” se produzem. O conjunto dos elementos destrutivos a partir do qual o capital se fundamenta não é reconhecido como produto de um determinado processo histórico e a sua universalização é pensada para desencorajar qualquer possível intenção de rebelião a este domínio.

Hegel não é o único pensador com quem Mészáros acerta as contas. Pelo contrário, ele mostra com grande eficácia como o elemento da incontrollabilidade se expressa nas elaborações de outros apologetas do capital, evidenciando ao mesmo tempo como estes, ainda que conscientes disso, procuram atenuar os efeitos propondo soluções que, na prática, se resolvem em uma série de círculos viciosos. Pensadores como Adam Smith e Hayek, Shumpeter e os marginalistas não são capazes de fornecer respostas ao problema da incontrollabilidade (algo em relação a que eles estão conscientes) que vão além do âmbito metafísico (o melhor exemplo de todos é a *mão invisível* smithiana), e nunca colocam em discussão o sistema de relações sociais vigente, sem compreender como os sinais de crises por eles mesmos identificados são alertas da insustentabilidade do sistema no longo prazo. Emprestando as palavras do próprio Mészáros, o capital é um sistema caracterizado (assim como sustentado pelos seus paladinos) pela incapacidade de enfrentar “as causas como tais” (MÉSZÁROS, 2016, p. 117), e pela tendência à “*absolutização* das condições *relativas* [e a] *relativização* das limitações *absolutas*” (MÉSZÁROS, 2016, p. 118).

A presumida imutabilidade da ordem capitalista não impediu que este soubesse se adaptar aos diferentes períodos históricos que atravessou (é mais uma confutação da visão hegeliana), sem contudo alterar a sua própria natureza fundamental. Mas as soluções momentâneas adotadas pelo capital para enfrentar os períodos de crises acabaram por ir acumulando contradições explosivas para a sobrevivência do próprio sistema. Sua tendência expansiva não resultou freada. Segundo Mészáros, essa tendência apresenta três diretrizes: o papel atribuído à mulher na sociedade capitalista (a partir do momento em que o ingresso no mercado de trabalho garantiu uma relativa igualdade de possibilidades na entrada no mercado de trabalho, enquanto a igualdade efetiva é um objetivo distante e de fato "destinado a permanecer *não compatível*" (MÉSZÁROS, 2016, p. 196) com as exigências do sistema); a superpopulação (o incremento da população desempregada, a despeito da retórica capitalista do pleno emprego); e sobretudo o antagonismo entre Estado e capital.

O Estado, para Mészáros, se constituiu sempre como meio de legitimação do capital, contribuindo ao seu desenvolvimento e fornecendo um amplo apoio, sobretudo no âmbito internacional. Mas essa relação, que o capital precisa para a sua afirmação⁴, constitui ao mesmo tempo um problema, a partir do momento em que sua tendência a uma expansão ilimitada (e ao monopólio) tem que ser resolvida em um conflito que coloca em discussão a existência do Estado mesmo.

É justamente sua força destrutiva um outro elemento que caracterizou o capital, desde seus momentos iniciais, em que se afirmou como método dominante para a produção e reprodução das relações sociais, sobretudo pelo que diz respeito a destruição de qualquer forma de regulamentação. O capital assumiu essa tarefa impondo o predomínio do valor de troca sobre o valor de uso, colocando ao avesso a relação entre sujeito e objeto, transformando o trabalho de instrumento para a sobrevivência dos seres humanos no meio através do qual perseguir a acumulação capitalista.

Assim, paradoxalmente, um sistema que apresentava essa forma de estruturação como o melhor método para a explorar de forma racional os recursos humanos e materiais à sua disposição, virou-se no seu contrário: o desperdício é, de fato, para Mészáros, o elemento básico que permite a acumulação sem limites. A exaltação do desperdício fica evidente tanto na reabilitação do conceito de luxo, assim como na

⁴ É oportuno sinalizar como neste ponto Mészáros se contradiz ao longo de *Para além do capital*, algo sobre o que falarei melhor mais a frente.

explosão da produção de mercadorias descartáveis, e é o único elemento capaz de garantir a expansão – “cujo único limite é o céu” (MÉSZÁROS, 2016, p. 533) – necessária para que o já precário equilíbrio do capital não vacile. Ela se manifesta de forma tão evidente quanto trágica na corrida armamentista⁵, melhor exemplo de um tipo de mercadoria cujo uso coincide inevitavelmente com seu instantâneo desperdício, mas também da necessidade do capital de utilizar um adequado suporte do Estado, a fim de exercitar da melhor forma o processo de acumulação.

De especial agudez são as apreciações de Mészáros sobre a experiência sobre o assim chamado “socialismo real” na União Soviética, onde o autor evidencia como, desde o começo, a Revolução de Outubro não conseguiu tomar distância com firmeza das limitações impostas pela ordem capitalista. Os bolcheviques, de fato, limitaram-se a tentar manter em vida o sistema de produção pré-existente, realizando algumas correções que pudessem torná-lo em favor dos produtores, empreendimento que se tornou desde logo falimentar, desde o momento que teria sido necessário, de acordo com ele, proceder em direção à superação de todas as mediações de tipo capitalista, sem se limitar apenas à mera “expropriação dos expropriadores” de um ponto de vista jurídico. Nesse sentido, Mészáros mostra com o rigor de argumentações históricas como a política de Stalin, remodelando a categoria de “capital” na de “capitalismo”, manteve inalterado, para além da mudança de nome, o domínio da mercadoria sobre o trabalho. E como essa tendência continuou nas décadas sucessivas até a tentativa de Gorbaciov de reintroduzir no interior da URSS um sistema de mercado capitalista pleno como “*garantia de renovação do socialismo*” (MÉSZÁROS, 2016, p. 619). Uma série de operações que, certamente muito distantes da crítica marxiana direcionada não tanto contra o capitalismo, mas “[contra] o *capital*” (MÉSZÁROS, 2016, p. 583), indicam a necessidade de revolucionar a estrutura do sistema em si mesma e não apenas suas formas transitórias.

Mészáros para além de Lukács: aluno e mestre em confronto

O papel do Estado e do partido e o entendimento do marxismo em uma perspectiva principalmente metodológica são dois temas que ocupam a sessão central de *Para Além do Capital*. E justamente as considerações que Mészáros faz sobre esses temas permitem definir pontos de contato e de descontinuidade entre seu pensamento e o do seu mestre.

---

⁵ Um elemento já bem presente na reflexão de Luxemburgo.

É oportuno lembrar que *História e Consciência de Classe* foi o fruto de uma amadurecida reflexão de Lukács entre 1818 e 1823, na onda da Revolução de Outubro, com a intenção de reconhecer uma continuidade entre o pensamento marxiano e aquele hegeliano – um movimento que conduziu uma série de contradições não pouco relevantes na elaboração teórica do autor. De fato, associando estritamente a teoria de Hegel com aquela de Marx, Lukács não foi capaz de de fato se dar conta que a dialética hegeliana, longe de ser (como aquela marxiana) um instrumento para um projeto de radical mudança nas relações sociais, se limita a preservar as contradições que estão no fundamento da sociedade burguesa através do uso da categoria do *aufhebung*, que é reduzida a uma simples entidade do pensamento, extrapolando-a do contexto do real. Perde-se assim aquela união entre teoria e práxis que constitui a base da reflexão marxiana. Deslocando a questão sobre um plano exclusivamente teorético, não é mais possível identificar os instrumentos adequados a produzir uma autêntica mudança das condições de vida da humanidade; assim, pelas palavras do próprio Mészáros, “[Lukács] se torna incapaz de definir em termos materiais concretos as condições em que pode se dar a desejada totalização coletiva consciente entre consciência e experiência. Ele se torna obrigado, portanto, a procurar respostas a um nível puramente ideológico, e portanto abstratamente metodológico” (MÉSZÁROS, 2016, p. 583).

Nessa configuração se coloca também a concepção lukacsiana de partido, entendido como guia moral (mais do que político) do proletariado, a quem compete a tarefa de preencher o divarico entre a consciência entendida num sentido psicológico e a consciência de classe propriamente dita. Lukács, em realidade, propõe uma solução ao tema da ativação do potencial revolucionário insito no proletariado através do trabalho de uma “consciência sobre a consciência”. Ele repropõe assim, sobre um diferente nível, a separação entre ação e elaboração teórica, a partir do momento em que a atividade do partido se restringiria a essa segunda tipologia. Ao partido, único guia do sucesso do movimento socialista, Lukács atribui um poder de decisão ilimitado, já que esse, ao se constituir como órgão de mediação entre a História (em sentido hegeliano) e o gênero humano, é capaz, por sua própria natureza, de ativar uma mudança tangível também no plano prático a partir de um plano exclusivamente teórico. Em realidade, é evidente que não é possível encontrar uma solução às problemáticas que se apresentam no plano material através de uma instalação de caráter meramente metodológico, a partir do momento em que o raciocínio de Lukács não fornece indicações precisas sobre como provocar uma real mudança das relações sociais. Prisoneiro à sua fé inquebrantável no partido (proveniente da investidura metafísica que ele tinha conferido a este), Lukács não foi capaz de entender que o PCUS ia se constituindo não apenas como

uma entidade bem distinta do proletariado, mas também hostil ao próprio proletariado, sobretudo pela sua distância a posições internacionalistas e por sua estruturação hierárquica. Nesse sentido, ainda que não tivesse nunca justificado as ações da direção stalinista por fins pessoais, Lukács nunca se declarou hostil com as epurações (ao contrário de Luxemburgo), e estava de fato convencido que alguma forma de hierarquia (ainda que fundamentada sobre bases qualitativas) teria que se manter também no estado socialista; uma posição certamente não em linha com o pensamento de Marx.

É compreensível (e ainda assim não justificável) que a intenção de Lukács fosse, num período em que qualquer iniciativa de estampo socialista parecia destinada à mais miserável derrota (se não na repressão, no sangue), justificar teoricamente a necessidade do sucesso final dos projetos de matriz marxiana. Não obstante, um tal movimento pode encontrar justificação só dentro de um marco substancialmente metafísico, que tem em seu fundamento uma concepção finalística da história, que não pode de forma alguma se conciliar com a ideia marxiana “desenvolvimento histórico real como *radicalmente aberto*” (MÉSZÁROS, 2016, p. 429).

Mészáros consegue, pelo contrário, se distanciar claramente de uma impostação metafísica, que atravessa todo o *História e Consciência de Classe*, e fornece uma análise das políticas neoliberais operadas nos anos 80 no Reino Unido e Estados Unidos, cuja amplitude é superada só pelo rigor como esse estudo é conduzido. Indo além⁶ de uma reverência sempre mostrada por Lukács com relação ao partido comunista soviético, Mészáros mostra como as políticas socioeconômicas adotadas na URSS se moveram desde os anos 20 em diretrizes de matriz capitalista, ao invés de marcar uma ruptura decisiva com os traços fundamentais dessa ordem. Consciente do fato que não é suficiente a mera “expropriação dos expropriadores” no plano jurídico, o pensador húngaro é capaz de mostrar como cada tentativa de instaurar um sistema produtivo de matriz socialista não tem que se reduzir de forma alguma a uma simples reestruturação dos processos produtivos capitalistas ou ao seu aperfeiçoamento. A partir do momento em que se estes se mantêm de pé junto com as “mediações de segunda ordem”, acabarão inevitavelmente reconduzindo a sociedade sob o pleno domínio do capital.⁷

É importante também sublinhar como seja correto falar em *Sociedade socialista*, e não em *Estado socialista*, a partir do momento que, como já defendia Marx, a abolição

⁶ Muito provavelmente por ter experimentado em primeira pessoa o caráter repressivo da revolta húngara ao longo de 1956.

⁷ Come de fato a história mostrou no caso Gorbatchov.

do Estado enquanto máquina de opressão é um dos principais objetivos (não imediatos) do programa da revolução proletária. Justamente nesse âmbito, sublinha Mészáros, Lukács cometeu importantes erros em sua elaboração, a partir do momento que considerava que o simples controle da produção sob base estatal contribuiria a eliminar o domínio do capital, enquanto apenas desloca o sistema de extração de mais valia sob nível diferente, sem que esse fosse abandonado. O Estado cumpriu e cumpre um papel de fundamental importância para os objetivos do desenvolvimento capitalista; Mészáros é consciente disso, mas comete uma grave imprecisão na exposição desse ponto. Ao introduzir a questão, de fato ele afirma que o Estado e o capital se desenvolveram ao longo de dois percursos independentes, e por isso é “bastante incorreto definir o Estado como superestrutura” (MÉSZÁROS, 2016, p. 75), mas esse dado é desmentido pelos próprios acontecimentos históricos. Através da instável argumentação de acordo com a qual o capital teria permitido ao Estado sobreviver à sua própria tendência totalizante como instituição capaz de garantir a imperturbável extração de mais trabalho, Mészáros tenta corrigir o alvo. Citando Marx, afirma que o Estado representa “tanto o *pré-requisito* necessário para a transformação das unidades inicialmente isoladas e laceradas do capital em um sistema *praticável*, como o *marco geral* no interior do qual este pode se articular e sustentar como *sistema global*” (MÉSZÁROS, 2016, p. 80). Essa posição, certamente mais próxima à realidade dos fatos (pensemos nas análises de Marx sobre a situação da Inglaterra, a partir de Henrique VIII, no que diz respeito à acumulação primitiva), permite que a argumentação sobre o tema da relação Estado e capital continue de forma correta, mas apresenta uma importante contradição na formulação do autor.

Um outro elemento de debilidade é o pouco espaço dedicado ao longo de *Para Além do Capital* à análise da situação sociopolítica a um nível internacional: Mészáros se concentra essencialmente no estudo dos países que então operavam políticas neoliberais, mas dessa forma transcura pelo menos em partes a dimensão internacional dos processos sociais e políticos, sobre a qual teria que ser posta atenção tanto no plano analítico, quanto na projeção da destruição do domínio do capital. Ainda que em múltiplas passagens evidencie a necessidade de um compromisso que possa superar os limites estatais, o pensador húngaro (assim como Lukács, ainda que por razões totalmente diferentes) se limita a citar poucos exemplos de países que não pertencem ao assim chamado norte do mundo, impedindo assim uma adequada compreensão de como tais realidades são um elemento essencial para a reprodução do domínio capitalista. Um exemplo claro desse limite é a abordagem exclusivamente quantitativa com que Mészáros se aproxima à questão da superpopulação, que não permite a ele entender como esse problema é em realidade essencial para o capital que, longe de considerar isso uma

“ameaça”, usando o termo do autor, utiliza-o para desvalorizar ainda mais o trabalho daqueles que são explorados. O exército de reserva, portanto, está já entregue à lógica capitalista como um recurso, e não como um período. A questão da divisão internacional do trabalho, portanto, é um tema ao qual poderia ter se dedicado mais espaço, de modo a colocar em evidência, assim como fizeram Marx e Engels já no fechamento do *Manifesto do Partido Comunista*, e como aconteceu no segundo congresso da Terceira Internacional com a cunhagem da nova fórmula “proletários de todos os países e povos oprimidos, uni-os!”, que a luta proletária não tem que contemplar apenas aquele “pequeno canto do mundo”, mas precisa envolver o conjunto dos oprimidos em sua totalidade.

Considerações finais

Em suma, é evidente como Mészáros soube se distanciar das posições de Lukács, conseguindo atingir uma visão teórica mais articulada e vasta, mas, na minha opinião, ele fica perto demais do próprio mestre em alguns aspectos negativos, por exemplo na forte limitação das próprias reflexões sobre o capital nos países ocidentais, condicionado por um conhecimento incompleto das posições marxianas⁸. Apesar desses defeitos, pode-se sustentar que Mészáros, se distanciando da procura daquele marxismo *ortodoxo* que tanto preocupava Lukács, conseguiu, em seu monumental estudo, se aproximar de posições que mais se aproximavam de um marxismo autenticamente *radical*.

Referências

LUKÁCS, György. **Storia e coscienza di classe**. Milano: Sugar Co, 1991.

LUXEMBURG, Rosa. **L'accumulazione del capitale**. Torino: Giulio Einaudi, 1960.

MÉSZÁROS, István. **Oltre il capitale**. Milano: Edizioni Punto Rosso, 2016.

Recebido em 17/08/2018

Aprovado em 27/08/2018

---

⁸ Vejam-se, além da questão já assinalada sobre a relação entre Estado e capital, algumas considerações presentes na introdução de *Para Além do Capital*, que mostram como Mészáros não entendeu as razões daquilo que ele considera uma certa “imprecisão” das teorias de Marx.